

## Repositório ISCTE-IUL

---

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2023-01-06

Deposited version:

Submitted Version

Peer-review status of attached file:

Unreviewed

Citation for published item:

Sousa, I. & André, P. (2019). Muxarabis, rótulas e gelosias em Alfama e Mouraria: reinventar a tradição. In Paula André, Paulo Simões Rodrigues, Margarida Brito Alves, Cristina Pratas Cruzeiro, Miguel Reimão Costa, Nieves Mestre, Sergio Martín Blas (Ed.), *Antologia de Ensaios: laboratório colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes: V Seminário de Investigação, Ensino e Difusão*. (pp. 125-157). Lisboa: DINÂMIA, CET-IUL.

Further information on publisher's website:

--

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Sousa, I. & André, P. (2019). Muxarabis, rótulas e gelosias em Alfama e Mouraria: reinventar a tradição. In Paula André, Paulo Simões Rodrigues, Margarida Brito Alves, Cristina Pratas Cruzeiro, Miguel Reimão Costa, Nieves Mestre, Sergio Martín Blas (Ed.), *Antologia de Ensaios: laboratório colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes: V Seminário de Investigação, Ensino e Difusão*. (pp. 125-157). Lisboa: DINÂMIA, CET-IUL.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

### Use policy

---

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

---

## **Muxarabis, rótulas e gelosias em Alfama e Mouraria: re-inventar a tradição**

**Inês Rocha de Sousa**

ISCTE-IUL

[inesr.sousa@hotmail.com](mailto:inesr.sousa@hotmail.com)

**Paula André**

DINÂMIA'CET-IUL – ISCTE-IUL

[paula.andre@iscte-iul.pt](mailto:paula.andre@iscte-iul.pt)

### **Resumo**

Os muxarabis, rótulas e gelosias são estruturas de madeira presentes em vãos de fachadas que aliam a sua estética à funcionalidade, e garantem o controlo de iluminação e ventilação de um compartimento interior. A expressão da arquitetura proporcionada por estas estruturas está presente em Portugal, com destaque nos bairros históricos de Lisboa, nomeadamente em Alfama e Mouraria. Estes bairros são caracterizados por uma malha urbana densa, semelhante às cidades do norte de África, formada por ruas, ruelas e becos, com fachadas opostas muito próximas e sem privacidade. Numa primeira instância, nestes dois bairros históricos de Lisboa, os muxarabis, rótulas e gelosias, aparentam ter características de uma estrutura histórica de longa permanência. Contudo, através da sua análise, constatou-se um declínio da sua existência e no Estado Novo (1933-1974) uma re-invenção da tradição, desvendando-se também um vício visual. Esta análise e constatação foi suportada por um vasto reportório iconográfico destas estruturas de madeira em Alfama e Mouraria presentes em: fotografias do Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa; na arquitetura efémera de exposições nacionais e internacionais (“Lisboa Antiga” de 1935; Exposição Internacional de Paris de 1937 e “Exposição do Mundo Português” de 1940); em documentários (“Alfama a Velha Lisboa” de 1930, e “Festas da Cidade de Lisboa” de 1935); em gravuras e notícias que colocavam em destaque esta particular expressão arquitectónica.

### **Palavras-chave**

Muxarabis, Rótulas, Gelosias, Alfama, Mouraria

## Introdução

Os muxarabis, rótulas e gelosias são estruturas de madeira adjacentes às fachadas, que se adaptam ao clima e ao modo de vida das populações. Realizam o controlo de iluminação, facilitando a ventilação e simultaneamente atribuem, para além de um valor estético, um carácter funcional e sustentável, proporcionando iluminação e ventilação naturais. São elementos treliçados dispostos numa tela com intervalos regulares com um formato geométrico intrincado, que protege o interior dos espaços, uma vez que é possível observar do interior para o exterior.

Embora as origens dos termos, muxarabis, rótulas e gelosias remontem à cultura árabe, não existe uma designação fixa para estes termos, e as expressões podem apresentar divergências. Mariano Filho, em “Influências muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira” (1943)<sup>1</sup> recorre a uma distinção entre muxarabis, rótulas e gelosias. O autor apresenta ilustrações de pormenores arquitetónicos do final do século XVIII, com destaque para as estruturas em estudo. Relaciona a arquitetura brasileira com uma identidade ibérica de origem muçulmana.

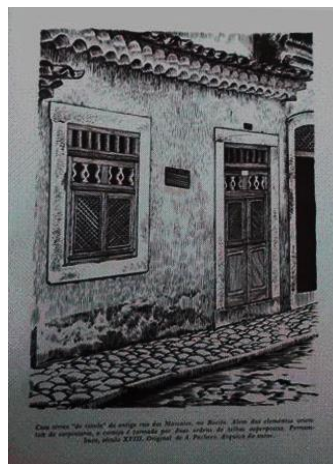
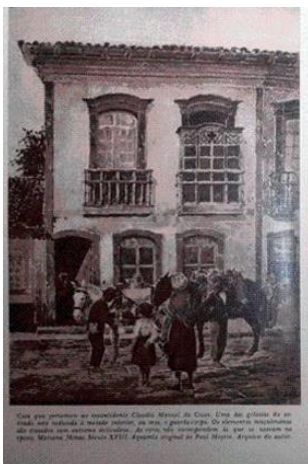


Figura 1 - Gravura Casa das Gelosias em Minas - gerais, século XVIII, presente em “Influências muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira” de Mariano Filho 1943

Figura 2 – Gravura Casa térrea em Pernambuco, século XVIII, presente em “Influências muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira” de Mariano Filho 1943

Figura 3 – Gravura de Guarda – corpos de adufas, remanescentes de gelosias em Minas - gerais, século XVIII, presente em “Influências muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira” de Mariano Filho 1943

<sup>1</sup> FILHO, Mariano - **Influências Muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira**. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1943. p.12

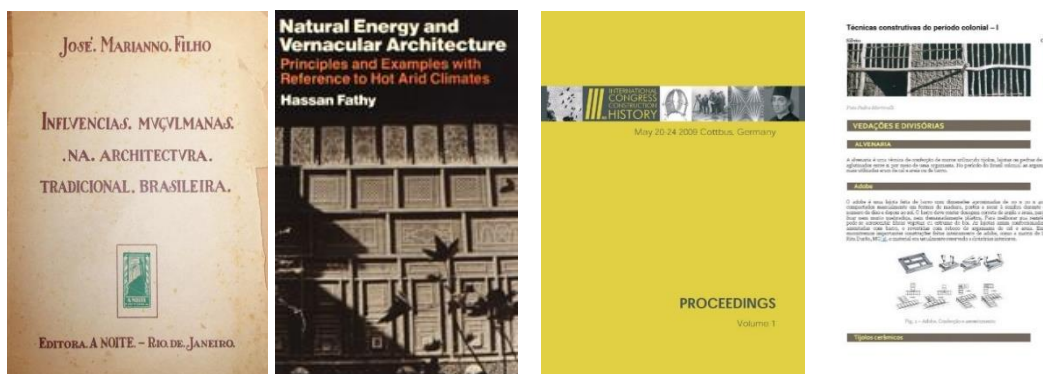


Figura 4 - Capa de livro de Mariano Filho, *Influências Muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira* de 1943

Figura 5 - Capa livro de Hassan Fathy, *Natural energy and vernacular architecture* de 1986

Figura 6 - Capa do livro do Congresso *Proceedings of the Third International Congress on Construction History*, em Maio de 2009

Figura 7 - Blog “Coisas da Arquitetura” de Silvio Colin, *Técnicas construtivas do período colonial*, 2010

Para a presente investigação considera-se a distinção de Mariano Filho, que admite uma diferenciação consoante a complexidade da estrutura. Segundo este autor, a rótula e a gelosia compunham os muxarabi. A rótula era utilizada na parte superior, uma vez que, possuía uma articulação das secções segundo um eixo horizontal superior, ou seja, no “sentido antero-posterior” ou eixo vertical. No entanto, a gelosia era aplicada na parte inferior, constituída por uma estrutura fixa. A reixa, o componente elementar da estrutura, é referido como o conjunto de treliças dispostas de forma geométrica, localizada no interior dos elementos<sup>2</sup>.



Figura 8 - Muxarabi em “Festas da cidade de Lisboa” 1935

<sup>2</sup> FILHO, Mariano - **Influências Muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira**. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1943. p.24

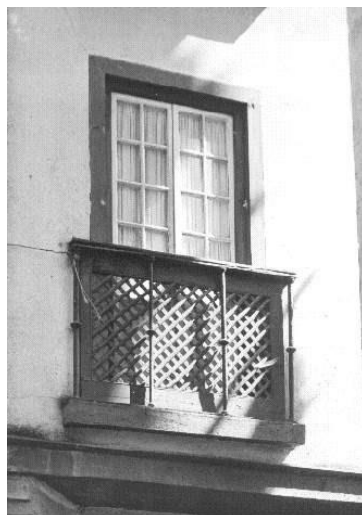


Figura 9 - Rótula no Beco de São Miguel fotografia da autora

Figura 10- Gelosia em Alfama fotografado por Armando Maia Seródio 1959

O recente interesse histórico e turístico presente em Alfama e Mouraria aponta para a gentrificação e turistificação<sup>3</sup>. Estes bairros apresentam características morfológicas particulares, uma malha urbana intrincada e estruturas de madeira peculiares, como os andares de ressalto e os muxarabis, rótulas e gelosias. Se numa primeira instância as estruturas são apresentadas como históricas, remetendo para a cultura árabe, o presente estudo pretende questionar esta suposta veracidade, através da realização de um levantamento de fotografias históricas de Alfama e Mouraria, procurando compreender as transformações dos muxarabis, rótulas e gelosias num período temporal desde 1899 até 1971 e o modo como influenciam a expressão da arquitetura, conferindo-lhe uma imagem histórica e tradicionalista. Igualmente importante para o desenvolvimento deste estudo, foi a comparação dos registos históricos com fotografias atuais realizadas *in loco* de modo a descortinar as alterações ocorridas relativamente às estruturas de madeira nas fachadas de Alfama e Mouraria. Esta abordagem foi apoiada em fotografias, publicações, documentários e gravuras, entre 1898 e 1971, e encontra-se fundamentada: no levantamento fotográfico (1898-1908) realizado por José Cândido de Assunção e Sousa e Artur Júlio Machado existente no Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa; no artigo “Bairros da cidade” publicado na revista “Ilustração Portuguesa”

<sup>3</sup> Os conceitos de gentrificação e turistificação evidenciam relações intrínsecas. Gentrificação, termo enunciado em 1964 pela socióloga Ruth Glass, com uma definição que sofreu alterações e adaptações. Assim, entende-se por gentrificação o processo social e económico de reconversão dos bairros históricos da classe trabalhadora localizados no centro da cidade em áreas de classe média. Promove uma renovação física ou reabilitação de modo a cumprir com as exigências de seus novos proprietários, o que origina o desalojamento e deslocação para a periferia da classe pobre, colocando em causa as dinâmicas sociais e espaciais. In HAMNETT, C. **The Blind Men and the Elephant: The Explanation of Gentrification.** Transactions of the Institute of British Geographers, 1991, vol 16, Nº2, p.175. Turistificação ou gentrificação turística atribui-se ao processo de expansão do turismo num território, através de estratégias de promoção e revitalização dos núcleos históricos, recorrendo a novos serviços e equipamentos. Os centros contaminados por alojamentos turístico das suas diversas modalidades e por investimentos em património imobiliário, acrescido uma saturação do sector comercial direcionado ao turismo, originam o despejo e descaracterização das áreas da cidade. In MENDES, L. **Gentrificação turística em Lisboa: neoliberalismo, financeirização e urbanismo austeritário em tempos de pós-crise capitalista 2008-2009.** Cadernos MetrÓpole, 2017, Vol.13, nº26, p. 491-503

(1904); no livro “Lisboa Velha” (1925) de Roque Gameiro; no documentário de João de Almeida e Sá “Alfama a velha Lisboa” (1930); no registo vídeo-documental e fotográfico da exposição “Festas da cidade” (1935); nas gravuras de Alfama expostas na “Exposição Internacional de Paris” (1937); no registo vídeo-documental e fotográfico do “Bairro Comercial” na “Exposição do Mundo Português” (1940); no discurso de Norberto de Araújo proferido em 1944 na conferência “Alfama como eu a não vejo” publicado na revista “Olissipo” (1945); nas fotografias registadas no decorrer do Concurso de Janelas Floridas, incluído nas Festas da Cidade durante os anos de 1950/60; no artigo “Ronda dos Bairros” (1960) publicado na revista “Flama”; no livro de Ferreira de Andrade “Lisboa”(1960) e ainda no livro “Lisboa, no passado e no presente” (1971) coordenado pelo arquitecto Jorge Segurado.

### **Caso de Estudo**

Alfama, bairro popular do núcleo histórico de Lisboa está inserido na vertente sul da encosta do Castelo, próxima do rio Tejo e corresponde a uma das ocupações mais antigas da cidade de Lisboa. Com vestígios desde os tempos dos romanos e visigodos, somente no período de ocupação árabe se desenvolve como arrabalde exterior da muralha. O seu topónimo advém do árabe, *Al-hama*, que significa banhos quentes ou termas. Este lugar foi eleito pelos muçulmanos pois conseguia reunir as condições pretendidas por estes, uma vez que, possuía uma abundância em água com qualidades termas e o seu assentamento em colina oferecia uma capacidade defensiva eficaz. A malha urbana é caracterizada pela organização orgânica e labiríntica com becos, vielas, escadinhas e travessas, conferindo ao território um aspeto pitoresco e belo, como um bairro vivo<sup>4</sup>.

Mouraria, situa-se nas vertentes poente e norte da Colina do Castelo, e assim designada após a conquista de Lisboa pelas tropas cristãs e consequente expulsão dos mouros para o pequeno “arrabalde” fora da cidade cristã<sup>5</sup>. Território idêntico a Alfama com uma topografia acidentada, de ruas sinuosas e estreitas, ficou marcado por “pobreza e precariedade habitacional” desde muito cedo, agravando-se com o fluxo migratório e a fixação de pessoas do interior do país, que estabeleceu um elevado índice de concentração populacional. Estes acontecimentos geraram uma estigmatização do local, associado à prostituição e ao tráfico e consumo de drogas<sup>6</sup>. As demolições ocorridas a partir de 1940 na Mouraria, com maior expressão no lado nordeste o Martim Moniz, originaram uma perda de autenticidade.

---

<sup>4</sup> MAGALHÃES, Andreia - **Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa**. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008. p 121

<sup>5</sup> MAGALHÃES, Andreia - **Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa**. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008. p 121

<sup>6</sup> MENEZES, Marluce - Património Urbano: por onde passa a sua salvaguarda e reabilitação? In **Cidades-Comunidades e Territórios**, nº 11 (2005), p.71



Figura 11 - Mapa assinalado a amarelo, as fotografias em estudo de Alfama e Mouraria presentes no Arquivo Municipal de Lisboa. Elaborado por Inês Sousa

Ensinamentos da cultura árabe, como os muxarabis, rótulas, gelosias e andares de ressalto, em que os pisos superiores em consola para a rua proporcionam uma extensão do espaço habitacional, foram prevalecendo ao longo dos tempos. Contudo, a partir do século XV estes elementos entram em declínio e após o terramoto de 1755, com o primeiro Alvará em 1759, surgiram uma série de proibições e limitações que incidiam na construção de muxarabis ou a limitavam o seu avanço sobre a rua: “Proibido da mesma sorte, que nas janelas das casas, situadas em ruas, que tenham quarenta palmos de largo, e dahi para cima, haja rótulas, ou gelosias, que além de deturbarem o prospecto das ruas, tem o perigo de se communicarem por ellas os incêndios de huns a outros edifícios: eceptuando-se somente as lojas e casas térreas, que se acharem no andar das ruas, expostas à devassidão dos que por ellas passam”<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Collecção da Legislação Portuguesa - Legislação de 1750 a 1762 [em linha] [3 setembro 2019]  
Disponível em WWW:<  
[http://www.governodosoutros.ics.ul.pt/?menu=consulta&id\\_partes=105&acao=ver&pagina=687](http://www.governodosoutros.ics.ul.pt/?menu=consulta&id_partes=105&acao=ver&pagina=687) >

Este Alvará, surge quatro anos após o terramoto da cidade de Lisboa e no momento da reconstrução da cidade, a imposição da eliminação dos elementos de madeira nas fachadas, tinha como intuito a prevenção de possíveis incêndios, em consequência da inflamação do material, a madeira. Porém, a extinção destes elementos não foi possível, e a importância estética e funcional foi prevalecendo por parte de alguns moradores<sup>8</sup>.

1759 663 664 1759

que nelles perdirão, conformando-se com disposições da Lei de doze de Maio de mil e setecentos e cinquenta e oito, Instruções, e Decreto de doze de Junho do mesmo anno, e com as mais ordens emanadas da Paternidade, e Inconfundível Provisão do mesmo Senhor em beneficio commum dos seus Vassallos: Adjudicando-se a cada huma das pessoas, que tinham casas nas referidas tres Ruas, as mesmas porções de Terreno, que antes tinham em fidejussão, e em fidejussão, e pela mesma ordem dos lugares, em que as mesmas Propriedades estavam situadas no dia primeiro de Novembro de mil e setecentos e cinquenta e cinco: O que se enuncia pelo presente Edital, ao fim de que todos, e cada hum dos Interesados possam comparecer por si, ou por seus Procuradores, nas casas de notaria do Desembargador João Custodio Theoret, pelo que pertence ao Bairro da Rua Nova; e do Desembargador Manoel José da Gama e Oliveira, pelo que pertence ao Bairro do Rocio; para lhes determinar os dias, e horas, em que hão de hir fazer as referidas Adjudicações, e dar-lhes no acto dellas, posse, e fidejussão para edificarem, com assistência das Officinas encaregadas desta diligencia, e das avaliações, e demarcações a ella pertencentes: Aos que se acharem na Cidade de Lisboa, e seu Termo, se assigna o espaço de dez dias; e o de trinta dias aos que se acharem fora do referido Termo; debaixo da pena de se proceder á revella, findos os sobreditos dias, contados, continua, e successivamente, do da publicação deste, na forma da sobredita Lei, em utilidade pública da reedificação da Capital do Reino. Lisboa, a 12 de Junho de 1759. — Com a Assignatura de Chancelleur servido do Regedor.

Inpr. avulso

EU ELREI Faço saber aos que este Alvará de Ampliação, e Declaração com força de Lei virem, que por quanto pelo outro Alvará de Lei dado em doze de Maio do anno proximo passado de mil e setecentos e cinquenta e oito, estabeleci os direitos publicos da edificação da Cidade do Lisboa por hum plano decoroso, digno da Capital dos Meus Reinos, e commodo, e útil aos Meus Vassallos, que nella habitarem: E por quanto tenho mandado, que os Terrenos, em que se devem fabricar os edificios da mesma Cidade, se principiem logo a entregar, e se continem successivamente a adjudicar aos Donos, a quem pertencem: Para que as ruas da mesma Cidade, e os edificios, que nelas se erigirem, sejam regulados, e conservados com a policia, que se faz tao recommendavel em commum beneficio: Sou Servido ampliar, e declarar a dita Lei, e as Instruções, e Ordens, que depois della determinei para a boa execução do seu conteúdo, na maneira seguinte.

1. Nas Ruas principaes, que pelo novo alinhamento tiverem na sua largura cincoenta palmos, e dali para cima, se não derem attender para a conservação do Dominio dos seus antigos Donos aquellas propriedades, que constar pelos Tombos, que não tem pelo menos vinte e seis palmos completos na sua frente: Antes pelo contrario, aquellas Terrenos, que tiverem menos da referida frente, serão adjudicados pelo seu justo valor a qualquer dos dois visinhos confrontantes, na conformidade dos Paragrafos segundo, e terceiro da sobredita Lei de doze de Maio de mil

setecentos e cinquenta e oito: O que porém cessará no caso de emperarem os Donos dos referidos Terrenos alguma porção de outro immovel, para assim se alargarem, e conformarem com a planta da Rua, do que se tratar, sem officina do prospecto da mesma Rua, que para o decore da referida Cidade se faz indispensavel.

2. Para que nas sobreditas Ruas nobres, e de novo abertas, havendo qualquer incendio na casa de hum visinho, se não communique o fogo as habitações dos outros visinhos confrontantes: E para que pelos toldados não devessem hums as Familias dos outros: Estabeleço, que entre duas propriedades de diferentes Donos não possa haver divisão de frentes; mas sim, e tão somente de paredes mestras, ou separadas, e particularmente naquelles lugares, em que acharem conveniente os Donos das mesmas propriedades apartadas humas das outras, para receberem luz, e para outros fins da sua utilidade; ou pelo menos por paredes communs aos dous visinhos confrontantes; as quizes paredes em todo o caso serão elevadas até subirem oito palmos, pelo menos, assima dos frechaes, descendo daquella maior elevação por modo de empena até á face da Rua, á porção do decoreto dos toldados.

3. Em beneficio da mesma formosura da Cidade, e da commodidade pública dos seus habitantes, prohibo, que em cada huma das Ruas novas della, se edifiquem casas com alama maior, ou menor, ou com symetria diversa daquella, que for estabelecida nos prospectos, que Mandado publicar para a regularidade dos mesmos edificios, e que não poderão nunca ser alterados, sem especial dispensa Minha.

4. Semelhantemente prohibo, que nas sobreditas Ruas haja angulos entrantes, ou salientes, que dem lugar a serem nelles superchuidos insidiosamente os que de noite passarem pelas ditas Ruas.

5. Prohibo igualmente, que nas mesmas Ruas, ou nas paredes, e no ar livre dellas, se fabriquem poiaes por fora, degraus, ou escadas, côrtes, ou entradas para lojas, ou officinas subterraneas, reixicos, cachorradas, e gelarias, em prejuizo do prospecto, e da passagem pública.

6. Prohibo da mesma sorte, que nas janelas, ou em qualquer outro lugar sobre as Ruas publicas, se fação aligrejos, porteleiras, ou qualquer outra estancia, ordenada a se porem nella craveiros, ou cousas semelhantes.

7. Prohibo da mesma sorte, que nas janelas das casas, situadas em Ruas, que tenham quarenta palmos de largo, e dali para cima, haja rótulas, ou gelosias, que alem de perturbar o prospecto das Ruas, tem o perigo de se communicarem por ellas os incendios de huma a outros edificios: Exceptuando somente as lojas, e casas torresas, que se acharem no andar das Ruas expostas á devassidão das que por ellas passão.

8. Prohibo tambem, que á face das Ruas nobres, e principaes, que tiverem cincoenta palmos de largo, e dali para cima, se edifiquem cavalharcas, cocheiras, e palliões; ou se fizessem argalhas nas paredes, para nelas se prendorem bestas, ou outros animais, que incommodem as pessoas, que por ellas passarem: Edificando-se, e pondo-se as referidas cavalharcas, cocheiras, e palliões, e argalhas, nas Travessas, onde menos deformidade, e desconcomodo caussem; e sendo em todo o caso os sobreditos palliões cobertos de abobeda, para que no caso, em que nelles haja algum incendio, diguem sempre preservados os edificios principaes, em beneficio de seus Donos, e dos Inquilinos, que nelas habitarem.

9. Determino aos Ministros actuaes Inspectores dos Bairros da mesma Cidade, e aos que ao diante o forem, que não consintão, que por

Figura 12 – Alvará de 15.6.1759

Considera-se que através da imagem, da representação e da divulgação dos Bairros de Alfama e Mouraria, é possível depreender a sua importância no presente e no passado. As diversas fontes de trabalho são consequentes de um impulso e interesse pelas áreas históricas da cidade, resultantes do revivalismo do século XIX, que tinha como premissa o gosto pelo pitoresco e pelas formas medievais<sup>9</sup>. Dessa forma, suscitou um interesse por parte de fotógrafos nacionais e internacionais, que registavam esse espaço. A imagem que era transmitida sob a forma de fotografia, fixa o momento da cidade num determinado tempo. Deste modo, foram recolhidas, analisadas e mapeadas 75 fotografias do Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa entre 1898 e 1971, que correspondem a registos de muxarabis, rótulas e gelosias nas áreas em estudo. Através de registos diferenciados, procurou-se compreender estas estruturas desde a escala geral até ao pormenor que isola o objeto. Depreenderam-se três momentos distintos, em que se categoriza quarenta e quatro fotografias realizadas no período compreendido entre 1933-1974, vinte fotografias realizadas antes deste período e somente quatro efetuadas posteriormente, porém sete foram consideradas indefinidas.

<sup>8</sup> CARVÃO, Rafael Bezerra - **A eliminação dos muxarabis, rótulas e gelosias do Brasil – Um caso de dominação económica**. Évora: Departamento de História - Universidade de Évora, 2009. Dissertação de Mestrado. p. 57

<sup>9</sup> LUCAS, Pedro Galvão – **Representação de Arquitetura – Introdução às várias formas de comunicação da arquitectura**. Lisboa: Faculdade de Arquitectura, 2011. Dissertação de Mestrado.p.66



Este mapeamento revela que a localização destes elementos na fachada está intrinsecamente relacionada com a malha urbana do bairro, uma vez que estão localizados em becos, ou ruas estreitas, nos quais a dimensão das fachadas dianteiras é reduzida, descorando a privacidade, com vãos de fachada relativamente próximos. As visitas ao local, com o intuito de perceber o espaço e realizar registos *in loco*, foram imprescindíveis, a fim de compreender o espaço e de modo a relacionar os registos do arquivo com a actualidade.

Considera-se o interesse no registo fotográfico da cidade de Lisboa como documento de memória. A intenção de constituir um Arquivo Fotográfico Municipal regista-se na deliberação camarária de 13 de fevereiro de 1871, assinada por Anselmo Ferreira Pinto Basto - Conde de Rio Maior, António – Dr. Joaquim José Alves – Dr Manuel Thomaz que consigna que a "Câmara mande photographar todos os edifícios antigos que seus proprietários pretendem demolir e possam inspirar qualquer interesse archeológico e bem assim todos os locais que tenham de sofrer transformações importantes"<sup>10</sup>.

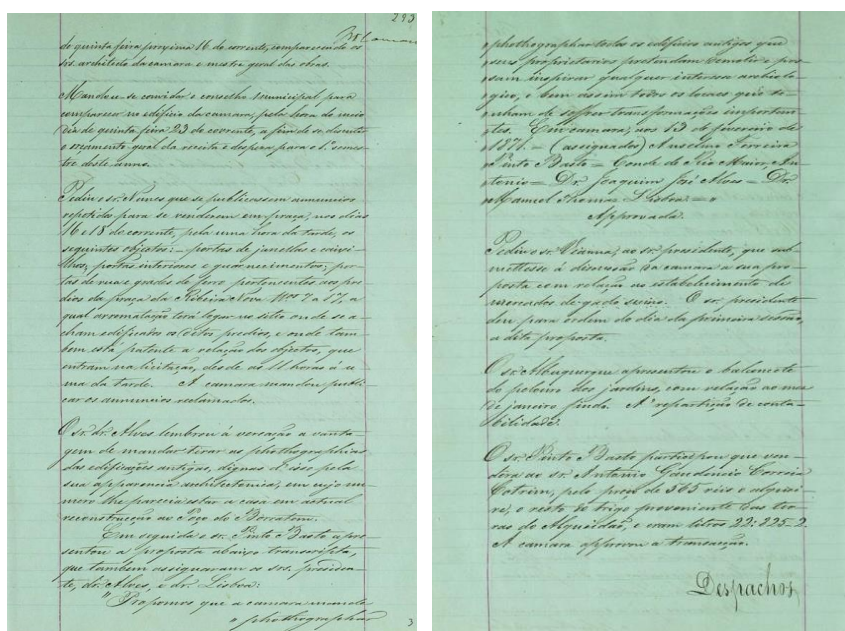


Figura 13 – Documento da Deliberação da Reunião da Câmara de 13 de fevereiro de 1871

Em 1898, a parceria de desenhadores da Repartição de Obras da Câmara Municipal de Lisboa, José Cândido de Assunção e Sousa e Artur Júlio Machado, com 42 e 31 anos respetivamente, elaborara uma proposta para o primeiro levantamento fotográfico da cidade de Lisboa. Aprovado em requerimento a 21 de novembro do mesmo ano, pelo arquiteto José Luís Monteiro, chefe da 1ª Repartição do Serviço de Obras, o levantamento seria realizado a todos os prédios, expropriados ou particulares, cuja demolição fosse eminente de modo a constituir um documento de memória. Registado por Eduardo Freire de Oliveira, chefe do Serviço Central da 3ª Secção (arquivo) a

<sup>10</sup> **Deliberação da Reunião da Câmara de 13 de fevereiro de 1871** [em linha]. Março 2019 [7 setembro 2019] Disponível em WWW: <<http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/investigacao/varia/documento-domes/marco-2019/>>

intenção da Câmara Municipal em adquirir o álbum de modo a integrar no Arquivo Municipal de Lisboa<sup>11</sup>. O inventário (1898-1912) com cerca de 3.800 negativos em vidro (13x18cm) realizado pela firma Machado & Souza, tinha um carácter estatístico e uma intenção de fotografar, catalogar e mapear cada fachada, incluindo o bairro de Alfama e Mouraria<sup>12</sup>. Representam o espaço público, a vivência e a malha urbana da capital, do início do século XX e em parte já desaparecida. As fotografias desta dupla sobre o território em estudo demonstram o carácter pitoresco e tradicionalista conferido pelas estruturas de madeira nas fachadas. Estes registos fotográficos deram origem ao designado “Fundo Antigo”, tendo sido catalogadas e descobertos seus autores em 2015, originando a exposição “Lisboa, uma grande surpresa”<sup>13</sup>.



Figura 14 e 14a - Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908 | Pormenor da fotografia original

<sup>11</sup> **Deliberação da Reunião da Câmara de 13 de fevereiro de 1871** [em linha]. Março 2019 [7 setembro 2019] Disponível em WWW: <<http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/investigacao/varia/documento-domes/marco-2019/>>

<sup>12</sup> **Lisboa uma grande surpresa** [em linha]. Setembro 2016 [7 setembro 2019] Disponível em WWW: <<http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/eventos/lisboa-uma-grande-surpresa/>>

<sup>13</sup> **Fundo Antigo do Arquivo Municipal de Lisboa** [em linha]. Setembro 2016 [7 setembro 2019] Disponível em WWW: <<http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/investigacao/varia/documento-domes/setembro-2016/>>



Figura 15 e 15a - Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908 | Pormenores da fotografia original



Figura 15b e 15c - Rua da Mouraria de Machado & Souza entre 1898 e 1908 | Pormenores da fotografia original

A divulgação destes bairros intensificou-se em artigos de jornais e revistas, acompanhados de gravuras e ilustrações. Santos Tavares no artigo “Bairros da cidade” publicado em 1904, na Revista “Ilustração Portuguesa”, relata Alfama cheia de miséria e pobreza com um grande nível de criminalidade e diversas intervenções de polícia<sup>14</sup>. Refere os aspetos característicos deste bairro, nomeadamente os pátios, as fachadas com gelosias, os azulejos na Rua do Castelo, e os andares de ressalto no Largo de Santo Estevão, que proporcionavam um ambiente sombrio, uma vez que, a iluminação direta penetrava por um período curto de tempo<sup>15</sup>. Descrevia um território com dejetos que apodreciam nas valetas, as habitações acumuladas e sem simetria. As descrições são complementadas por ilustrações, onde a realidade arquitetónica coexiste com o quotidiano bairrista. São apresentadas 9 ilustrações sobre o bairro de Alfama, 4 dos quais apresentam estruturas de madeira nas fachadas. Segundo jornais da época, o município pretendia arrasar o bairro, contudo, o autor da notícia defendia a abertura de avenidas amplas de modo a integrar esta área da cidade, uma vez que “(...) ao menos que a fome tenha ainda onde abrigar a deshonra da sua angústia, já que a época actual reclama que a miséria se oculte para que a felicidade, passando, não sinta a sua própria provocação”<sup>16</sup>.

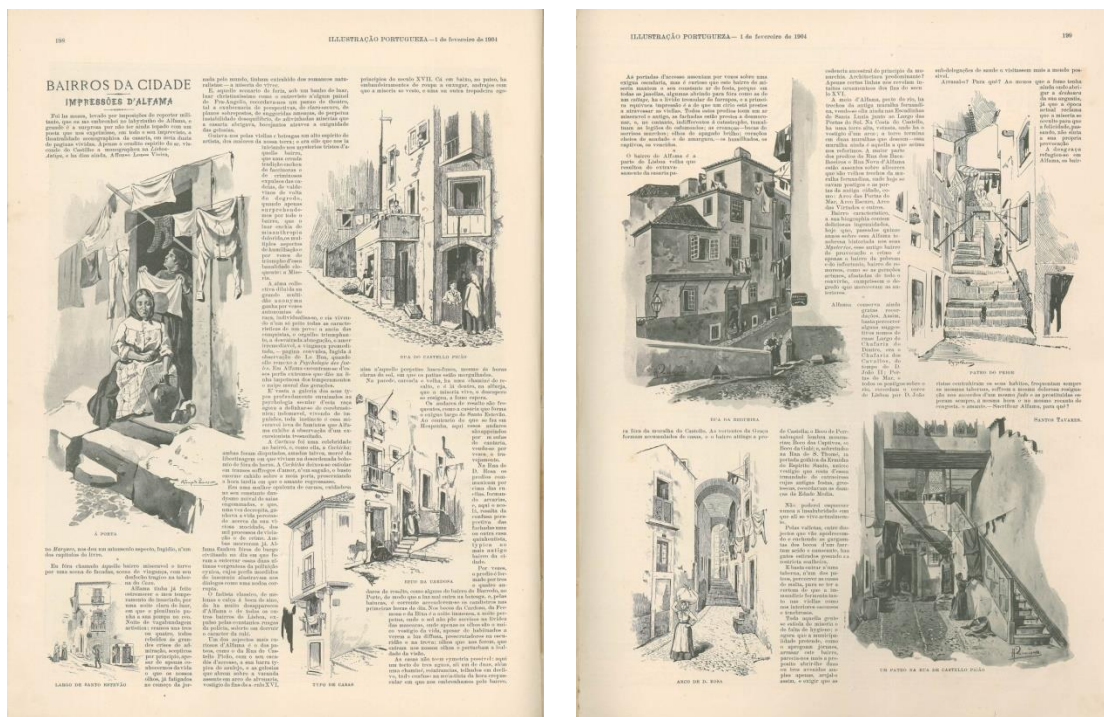


Figura 16 - Artigo da Revista “Ilustração portuguesa. nº13 (1904)” p.198 | 199

<sup>14</sup> TAVARES, Santos– Bairros da cidade In CHAVES, José Joubert. (1904) p.198

<sup>15</sup> TAVARES, Santos– Bairros da cidade In CHAVES, José Joubert. **Ilustração portuguesa**. nº13 (1904) p.198

<sup>16</sup> TAVARES, Santos– Bairros da cidade In CHAVES, José Joubert. **Ilustração portuguesa**. nº13 (1904) p.199



Figura 17 e figura 17a- Ilustração do Pátio na Rua dos Castelo, Picões, presente no artigo “Bairros da cidade” – “Ilustração portuguesa” | Pormenor da gravura original



Figura 18 e 18a - Ilustração do Arco da Rosa, presente no artigo “Bairros da cidade” – “Ilustração portuguesa” | Pormenor da gravura original

A obra “Lisboa Velha”<sup>17</sup> (1925) do pintor e desenhador Roque Gameiro reúne cem aguarelas e desenhos de espaços velhos da cidade. Com prefácio de Afonso Lopes Vieira, poeta português que acompanhou o desenhador ao longo dos percursos pelas zonas históricas considera: “Tudo isto Roque Gameiro nos oferta no seu Álbum, este Auto da Lisboa Velha, composto em décadas de carinhoso trabalho, e onde a mestria do ilustre desenhista nos surge, como sempre, sincera na comoção com que se enterneceu vendo o que amou ou lhe deixou saudades”<sup>18</sup>. Gameiro retratou Lisboa do século XIX de modo a expressar o carácter dos bairros, sob o ponto de vista do aspeto pitoresco invocando uma realidade com tendência a desaparecer e a degradar-se. Constitui um documento histórico precioso que recorre à representação não só da arquitetura, como também da vivência e das interações com o espaço. Representa os muxarabis, rótulas e gelosias, desde o olhar geral da rua, com uma representação do seu lado vernacular, até à representação da interação das pessoas com as estruturas de madeira. Assim, com uma presença maiorial nos registos de Roque Gameiro, considera-se que estas estruturas representam e fazem parte de Alfama do ilustrador e dos seus habitantes. Em consequência, diversos autores recorrem às suas gravuras e aguarelas de modo a ilustrarem os seus livros ou notícias, enaltecendo a essência única captada por Roque Gameiro.



Figura 19 e 19a - Pátio de uma casa na Rua de Castelo Picão de Roque Gameiro Estampa número 23 do livro “Lisboa Velha” e divulgada na Revista “Ocidente” no artigo Exposição de Aguarela da sociedade de Belas-Artes a 20-01-1914 e conseqüentemente exposta em 1914 na Escola de Belas-Artes | Pormenor da gravura original

<sup>17</sup> GAMEIRO, Roque – **Lisboa Velha** ed 1º. Lisboa: Vega, 1925.

<sup>18</sup> VIEIRA, Afonso Lopes in GAMEIRO, Roque – **Lisboa Velha** ed 1º. Lisboa: Vega, 1925.



Figura 20 e 20a – Rua do Bemformoso, Mouraria de Roque Gameiro | Pormenor da gravura original

O documentário “Alfama a velha Lisboa” (1930) realizado por João de Almeida e Sá, com apoio do diretor fotográfico Artur Costa de Macedo, constitui um documento histórico, que reflecte a arquitetura, a vivência e imagem da cidade. Este documentário representa uma viagem pelas áreas de Alfama “a Nascente, a Porta do Sol com o Miradouro de Santa Luzia e o busto de Júlio de Castilho; a Cruz de Santo Estevão, o Mosteiro de São Vicente, a Rua de São Pedro, o Largo do Chafariz de Fora”. São ainda apresentadas a Casa dos Bicos e uma “vista geral do Castelo de São Jorge”<sup>19</sup>. Foi anunciado pelo crítico Avelino de Almeida no Jornal “Cinéfilo” como uma obra magnífica realizada por um jovem cineasta com uma visão inteligente sobre Alfama: “Perspetivas falseadas, movimentos panorâmicos, pormenores sintéticos e simbólicos, trechos da vida real cotidiana, o formigueiro e a labuta da gente, os aglomerados da casaria pitoresca e calejas e vielas, e becos e travessas, vestígios das construções remotas, sombras de palácios e vultos de templos (...)”<sup>20</sup>. Nos anos seguintes, foi selecionado para o V Congresso Internacional de Crítica em 1931 e premiado com a medalha de prata na grande exposição industrial portuguesa em 1932: “Um documentário de um bairro não se deve limitar à frieza do casario, mas revelar o humano realismo da sua vida, com todos os defeitos e virtudes”<sup>21</sup>. A intenção era revelar a vivência de Alfama, destruída pelo terramoto de 1775 e construída pelos populares, com as suas lacunas e maravilhas, tanto no seu conjunto como no detalhe. Com a câmara conduzida à mão por Alfama são representados ruas, ruelas e becos. Nos andares de ressalto, ou vãos no piso térreo era comum serem aplicadas estruturas de

<sup>19</sup> CINEMATECA. Digital – vídeo. **Alfama a Velha Lisboa**. [Em linha] Lisboa: Cinemateca [Consult. 27 Jun 2018] Disponível em <<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video>>

<sup>20</sup> ALMEIDA, Avelino – “Alfama”, um belo documentário. In, **Cinéfilo**. nº 72 (1930) p.3

<sup>21</sup> SÁ, João de Almeida – Alfama a Velha Lisboa [Registo vídeo]. Lisboa, 1930. 35 mm, PB, sem som (27 min). Disponível em <<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video>>

madeira. Com uma fachada voltada para o Tejo, o muxarabi protege o interior do espaço de iluminação excessiva, através de sombreamento como se observa na figura 21. Neste documentário é de realçar as vivências e interações quotidianas apresentadas em contexto exterior, nas quais é perceptível a relação da população com os elementos de madeira nas fachadas.



Figura 21 – Frame do documentário "Alfama a Velha Lisboa" de 1930

Figura 22 – Frame do documentário "Alfama a Velha Lisboa" de 1930

A Exposição “Lisboa Antiga” (1935), inserida nas “Festas da cidade de Lisboa” e idealizada pelo Olisipógrafo Gustavo de Matos Sequeira, foi um instrumento e um palco de propaganda no Estado Novo. Realizada em São Bento, junto à atual Assembleia da República, foi documentada em vídeo sem som (“Festas da Cidade de Lisboa” de 1935), proporcionando ao espectador imergir na vivência vernacular da cidade de Lisboa do século XVII através da sua arquitectura efémera. Um documentário histórico com a representação de ruas e ruelas, figurinos e visitantes, duelos e amores. Podemos imaginar, através da documentação disponível, o carácter tradicionalista e o quotidiano de uma Lisboa quinhentista, não muito diferente de Alfama de 1935, contudo, a reconstrução recriava um bairro sem miséria e sem maus cheiros. Toda a construção foi realizada com armação em madeira forrada de estafe procedendo-se no final à demolição de forma a devolver o terreno à Câmara Municipal<sup>22</sup>. Após a análise do documentário, realça-se um ambiente marcado pelo carácter das estruturas de madeira aplicadas nas fachadas, maioritariamente em janelas. Identifica-se uma diversidade de elementos, desde os mais elementares como as reixas e as gelosias, até aos mais complexos como as rótulas e os muxarabis. Em registo vídeo, estas estruturas estão inseridas num contexto social, com diversas valências numa perspetiva social, funcional e estética. A estética recorre à sua excessiva representação pelas ruas e ruelas. No sentido social, a proteção da mulher, enquanto pessoa resguardada com a recriação de uma tentativa de transposição da rótula por parte do homem, condenado pela sociedade pelo ato. E na perspetiva funcional, na questão da ventilação e proteção do compartimento interior. As atrações do espaço contavam com o “Pátio das Comédias”, a

<sup>22</sup> **Restos de coleção** [Em linha] [Consult. 26 Jun 2018]. Disponível em WWW: <  
<http://restosdecolecao.blogspot.com/2012/06/festas-da-cidade-de-lisboa-1935.html> >



típica “Estalagem do Vicente” e as tendas do comércio com figurinos que realizavam representações do quotidiano do século XVII.



Figura 23 - Exposição "Lisboa Antiga" de 1935 fotografada por Eduardo Portugal



Figura 24 - Frame do documentário "Festas da cidade de Lisboa" de 1935



Figura 25 - Frame do documentário "Festas da cidade de Lisboa" de 1935

No sentido de divulgar internacionalmente o aspeto autêntico e pitoresco dos bairros históricos de Lisboa, o Pavilhão de Portugal da Exposição Internacional de Paris de 1937 (“Exposition Internationale des arts et des techniques appliques a la vie moderne”), exibiu pela primeira vez, Alfama como ponto de interesse turístico, contrapondo com Cascais e Estoril, que apresentavam desde há muito uma forte presença turística. O pavilhão de Portugal, projetado pelo jovem arquiteto Keil do Amaral, dispunha de oito salas, destinadas à representação de Portugal no passado e no presente. Com diversos artistas de artes-gráficas, artes decorativas, escultura e pintura como Abel Manta, Álvaro Canelas, Bernardo Marques, Canto da Maia, Carlos Botelho, Dordio Gomes, Eduardo Malta, Emmérico Nunes, Francisco Franco, Maria Keil, Paulo Ferreira e Rui Gameiro<sup>23</sup>, o pavilhão de Portugal evidenciava características modernistas e de promoção turística, com o objetivo de realçar os avanços e a modernidade do país no Estado Novo. Destaca-se a sala destinada ao turismo e promoção de Portugal, na qual foram expostas ilustrações de Alfama do pintor e ilustrador Álvaro Canelas, que tinham sido publicadas em 1936, no livro, “Doze desenhos de Lisboa: Alfama por Álvaro Canelas”.

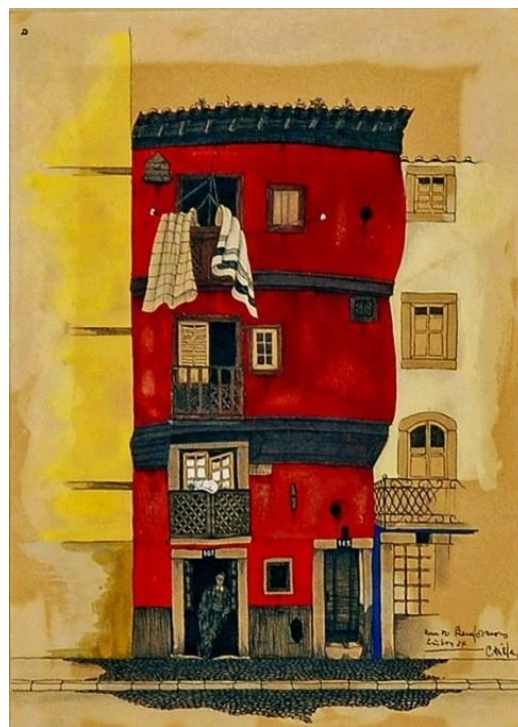
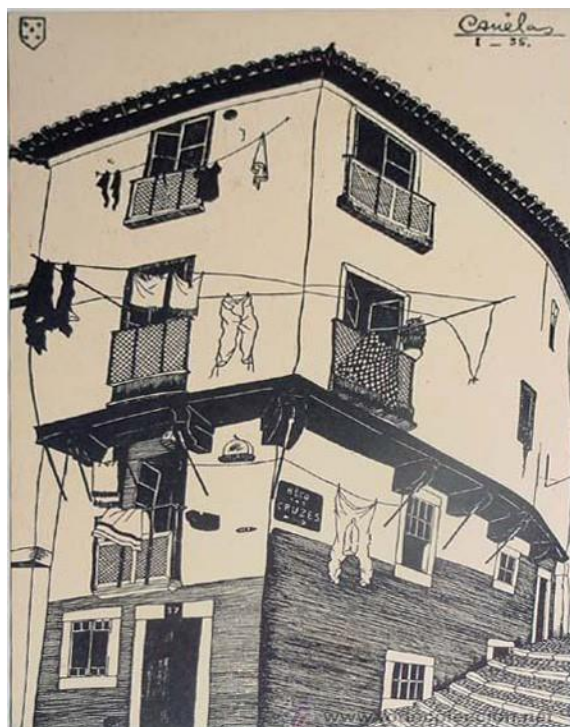


Figura 26 - Postal apresentado na Exposição Internacional de Paris de 1937

Figura 27 - Rua do Bemformoso em aguarela por Álvaro Canelas

Este ilustrador e caricaturista com papel preponderante na década 30 no domínio das artes, da cultura e intervenção social na cidade de Lisboa, representava Alfama com caráter pitoresco e autêntico das fachadas, exagerando em certos detalhes, prescindindo da representação de pessoas uma vez que dispersava o foco da mensagem a transmitir.

<sup>23</sup> **Portugal na Exposição Internacional de Paris** [Em linha] [Consult. 04 Julho 2018] Disponível em WWW:< <https://parceriadasconservas.wordpress.com/tag/instituto-portugues-de-conservas-de-peixe/>>.

Os elementos de madeira são retratados nos postais enquanto “imagem de marca” da zona velha da cidade, no sentido de criar expectativas de uma tradição. Esta obra foi notória tanto para Álvaro Canelas como para a cidade de Lisboa, em virtude de uma alteração de perspetiva das áreas históricas muitas vezes associada à estigmatização e pobreza.

Em consequência da Exposição de 1937 a imprensa nacional destaca a impressionante obra de Álvaro Canelas, com o artigo “A poesia das ruas de Lisboa” onde se afirmava: “Eis uma obra, que além do seu valor de arte documental flagrante de pitoresco, constitui para os que nos visitam a melhor de todas as recordações”<sup>24</sup>. Ou ainda o destaque da Revista “Ilustração”, exibindo duas páginas ilustradas por Álvaro Canelas que acompanhava a notícia “O bairro de Alfama”. Aqui é apresentada uma promoção turística através das gravuras do ilustrador, por meio de um contraste entre a vida moderna com ruas de traçado regular e a vida na cidade velha, que cada esquina tem a sua essência e imprevisível, com ruas, ruelas e becos e um traçado irregular<sup>25</sup>. A partir deste momento, Alfama conquista o interesse de visitantes, nacionais e internacionais, que visitam este território e o registam de diversas formas.

Em contexto nacional, a “Exposição do Mundo Português” de 1940, estendeu-se pelo vasto território de Belém, próximo do rio Tejo, com o objetivo comemorar a Fundação do Estado Português, sendo realizada pelo comissário geral Dr. Augusto de Castro, o Engenheiro Sá e Melo e o Arquiteto-chefe Cortinelli Telmo<sup>26</sup>. Esta exposição contemplava uma “fusão de motivos modernos e de hierática presença na tradição histórica e arquitetónica do passado constituindo uma lição para os vivos”<sup>27</sup>. Organizada por secções, a secção histórica; secção de etnografia e secção comercial e industrial, na qual se insere o “Bairro Comercial”<sup>28</sup>. Este espaço tinha como objetivo recriar um bairro da região de Lisboa, através das atividades económicas do período quinhentista. Representa velhas praças, ruas, ruelas, com aspeto pitoresco e com vários tipos de habitação. O documentário sobre a exposição realizado por António Lopes Ribeiro em 1940 surge como o culminar da política de propaganda do regime através de uma visita guiada à exposição, para recordar os tempos de glória ou para aqueles que não a visitaram, proporcionando uma visão geral da exposição.

<sup>24</sup> Álvaro Canelas [Em linha] [Consult. 10 Agosto 2018] Disponível em WWW:< <http://olhai-lisboa.blogspot.com/search/label/%C3%81lvaro%20Canelas> >.

<sup>25</sup> M.L.V. – O bairro de Alfama. **Ilustração**. nº 11 (1933) p. 6

<sup>26</sup> Pereira, Joana - A Exposição Histórica do Mundo Português e os seus arquitetos. Subsídios para a melhor compreensão da Arquitetura Nacional no dealbar da década de 40 In **Revista Arquitetura Lusíada**. nº 7 (2015), p. 97

<sup>27</sup> BRAZÃO, Eduardo- Prefácio In **Mundo Português: Imagens de uma exposição histórica**. Lisboa: Edições SNI, 1957

<sup>28</sup> Pereira, Joana - A Exposição Histórica do Mundo Português e os seus arquitetos. Subsídios para a melhor compreensão da Arquitetura Nacional no dealbar da década de 40 In **Revista Arquitetura Lusíada**. nº 7 (2015), p. 97



Figura 28 - Frame do documentário " A Exposição do Mundo Português" de 1940



Figura 29 - Frame do documentário " A Exposição do Mundo Português" de 1940

Para o presente estudo, é importante realçar a imagem historicista e pitoresca presente no “Bairro Comercial” na tentativa de implementar um imaginário aos visitantes relativamente aos muxarabis, rótulas e gelosias, aludindo a elementos com forte presença desde a origem da cidade de Lisboa. No documentário, é referido a sua construção ao estilo do século XVI pela ação comercial de Lisboa, proporcionando aos visitantes um ambiente quinhentista com recantos agradáveis.

Na sequência desta exposição o livro “Mundo Português: Imagens de uma exposição histórica” (1957) realizado por vários especialistas reúne uma série de ilustrações da exposição e sua organização, dirigida “aos filhos dos que viram a exposição do Mundo Português – para que também vejam”. A construção do Bairro Comercial que contou com a colaboração das associações comerciais de Lisboa e Porto e as associações industriais portuguesa e portuense revela a expressão destas estruturas de madeira.

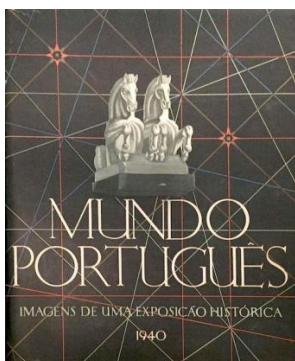


Figura 30 – Capa do livro “Mundo Português: Imagens de uma exposição histórica” de 1957



Figura 31, 31a e 31b - Bairro Comercial em A Exposição do Mundo Português de 1940 | Pormenor da gravura original

Norberto de Araújo num discurso proferido em 1944, afirmou existir uma divergência na divulgação de Alfama. Por um lado era afirmada como um espaço limpo e pitoresco por outro lado, era caracterizada por uma área miserável e pobre. De forma a combater a degradação dos bairros históricos, na década de 60, surgiu uma iniciativa de conservação destes espaços, integrado numa “campanha turística e cultural do Estado Novo”. Este projeto tinha como objetivo a regeneração do espaço público, remodelação da rede de esgotos, e restauro de monumentos e alguns edifícios. Este projeto seguiu as políticas do regime, que valoriza o património enquanto potencial turístico ignorando as

questões de salubridade do bairro, procedendo assim, a um renascimento e “valorização de muxarabis, rótulas e gelosias”<sup>29</sup>. Em consequência, e como forma de dinamizar o bairro, durante o período de 1950 e 1960, organizou-se o “Concurso das janelas floridas”, inserido nas festas da cidade, na qual eram exibidas, pelas ruas de Alfama e Mouraria, as janelas mais típicas e pitorescas com estruturas treliçadas, os melhores arranjos florais.



Figura 32 - Rua do Castelo Picão - Alfama teve durante os anos de 1950/60 o Concurso de Janelas Floridas, incluído nas Festas da Cidade.

Em 1959 foi identificada no Arquivo Municipal de Lisboa uma vasta coleção de fotografias de Armando Maia Serôdio. O fotógrafo começou a trabalhar como repórter fotográfico para a Câmara Municipal de Lisboa em 1955 e coloca em posição de destaque dos elementos de madeira nas fachadas, evidenciando os vãos protegidos por gelosias, posicionados atrás de uma estrutura de ferro. Este propósito revela uma preocupação com a suposta autenticidade do bairro, pois, o procedimento de colocação de madeira nas varadas não se verifica noutra área em Lisboa, ponderando-se a justificação para questões sociais e económicas.

<sup>29</sup> ARAÚJO, Norberto – Uma Alfama Nova. **Olisipo**. nº29 (1945) p.14



Figura 33 e 33a - Largo de São Miguel em Alfama de Armando Maia Serôdio 1959 | Pormenor da gravura original



Figura 34 - Janela com varanda de sacada, em Alfama de Armando Maia Serôdio 1959

Figura 35 - Janela de um prédio com varanda de sacada, em Alfama de Armando Maia Serôdio 1959

A Revista Flama em 1960 apresenta “Ronda dos Bairros”, uma série de reportagens fotografadas e escritas por Vitorino Martins diretamente vividas nos bairros mais populares de Lisboa e Porto, exibindo desde os bairros típicos de ruas e ruelas a bairros modernistas de aristocratas com grandes avenidas arborizadas. Apresenta fotografias sobre a vivência das ruas da cidade, sempre acompanhadas por descrições detalhistas sobre estas, proporcionando aos leitores não só uma visão estática, mas também um imaginativo das ações que estão a decorrer no momento do registo<sup>30</sup>.

<sup>30</sup> MARTINS, Vitorino C. – Ronda dos Bairros: Alfama. **Flama** n° 641 (1960) p.17-18

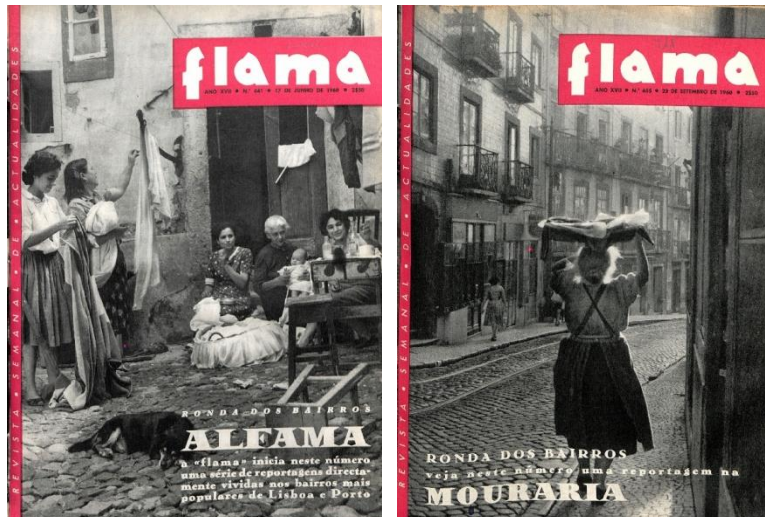


Figura 36 - Capa da Revista Flama nº 641 de 1960  
 Figura 37 - Capa da Revista Flama nº 655 de 1960

O primeiro bairro da série foi Alfama, com posição de destaque na capa da Revista. Das oito fotografias no artigo, somente uma apresenta elementos de madeira nas fachadas, uma rótula, no Beco de São Miguel. A fotografia é acompanhada com a descrição: “Foi no largo de São Miguel, onde existe um velho Chafariz de uma torneira, vasos com flores, suspensos nas paredes do casario e a sombra de duas ou três árvores projetada na calçada de paralelepípedos irregulares, que estas crianças formaram o seu baile de roda. A roda girou, mas dois deles, que não vão em danças preferiram refrescar a boca no fio de água que continua a cair da velha bica da torneira”<sup>31</sup>.



Figura 38 – Artigo “Ronda dos bairros: Alfama” Revista Flama nº 641 de 1960

<sup>31</sup> MARTINS, Vitorino C. – Ronda dos Bairros: Alfama. **Flama** nº 641 (1960) p.17-18





Figura 40 - Artigo "Ronda dos bairros: Mouraria" Revista Flama nº 655 de 1960

Também o olisipógrafo Ferreira de Andrade, no livro "Lisboa" (1960), destacou as rótulas e gelosias de Alfama e Mouraria. O autor debruça-se sobre o estudo de Lisboa e enaltece os bairros típicos, com toda a sua essência e beleza: "dédalos de becos e de escadinhas que se atropelam e se confundem; casas com empenas desencontradas e fachadas salientes; telhados que se beijam; balcões floridos que são manchas polícromas de um cenário verdadeiro; minúsculos e graciosos largos e recantos, onde há mistério e poesia, graciosidade e pitoresco, tradição e história"<sup>33</sup>.

É importante salientar a relação existente entre as estruturas de madeira e o desenho da malha urbana, enaltecida pelo autor através de uma escolha criteriosa das fotografias, uma vez que apresenta elementos de madeira nas fachadas em espaços estreitos, em que a dimensão da fachada dianteira era reduzida. O Beco de São Miguel, uma das maiores referências fotográficas de Alfama, devido ao conjunto de elementos de madeira nas fachadas, é destacado pelo autor através de uma conjugação entre rótulas e gelosias numa harmoniosa composição. Na pesquisa realizada no Arquivo Municipal de Lisboa, foi possível constatar que a fotografia apresentada pelo autor corresponde a um registo de Mário Novais de 1930.



Figura 41, 41a e 41b - Beco de São Miguel presente no livro "Lisboa" de Ferreira de Andrade | Pormenores da fotografia original

<sup>33</sup> ANDRADE, Ferreira de - **Lisboa**, Lisboa: Editorial de Publicações Turísticas, 1960 p.10

Na Mouraria, o autor apontou o Largo do Convento da Encarnação. Evidencia um exemplo de uma gelosia simétrica com elementos treliçados dispostos em padrão ornamental, diferenciado das treliças frequentemente aplicadas.



Figura 42 - Largo do Convento da Encarnação presente no livro “Lisboa” de Ferreira de Andrade | Pormenores da fotografia original

O fascínio de Ferreira de Andrade pelos bairros históricos de Lisboa é reforçado em 1968, com o livro de crónicas “Que diferente és, Lisboa: crónicas alfacinhas” a enaltecer os bairros típicos da cidade, destacando o bairro de Alfama e as suas fachadas com rótulas: “Dos mais característicos do bairro, todo o tracejado do Beco da Bicha, do Beco do Carneiros, da Alfurja, do Mexia, das Ruas da Regueira, o de São Miguel é um embrenhado dos mais curiosos e típicos prédios dos séculos XV e XVI. Em todo ele há uma subjetividade da beleza de Alfama, no seu conjunto de janelas de rótula e

parapeitos floridos, de empenas de bicos e andares de ressalto, do desordenado alinhamento de postigos e balcões e dos telhados que se sobrepõem”<sup>34</sup>.

Na obra “Lisboa no Passado e no Presente” (1971) coordenada pelo arquitecto Jorge Segurado são exibidas fotografias cedidas maioritariamente pela Câmara Municipal de Lisboa de diversas áreas da cidade, acompanhadas por textos explicativos do seu contexto histórico. Após uma análise da obra é possível afirmar que estes elementos de madeira estão profundamente associados ao lugar, isto é, só existem nos bairros históricos, devido à formação da malha urbana e contexto histórico, constituindo um “museu ao ar livre” de uma cultura arquitectónica e urbanística. No fascículo 11, direccionado à conquista de Ceuta, são evocadas as reminiscências em reconstituições das janelas do Beco de São Miguel em Alfama e na Graça, consideradas janelas com história: “Destas janelas vê-se o Tejo e, noite fora, ouve-se a saudade do fado”<sup>35</sup>.



Figura 43- Beco de São Miguel presente em "Lisboa no Passado e no Presente" de 1971

<sup>34</sup> ANDRADE, Ferreira de - **Que diferente és, Lisboa: crónicas alfacinhas**, Lisboa: Editorial de Publicações Turísticas, 1968 p. 83

<sup>35</sup> **Lisboa no Passado e no Presente**. Lisboa: Excelsior, 1971 fascículo 11

Na representação da Rua de São Miguel em Alfama, o autor recorre às pinturas a cores do pintor Roque Gameiro, encontrando interações pessoais e o propósito dos elementos de madeira nas fachadas.



Figura 44 - Pormenor da gracia presente em "Lisboa no Passado e no Presente" de 1971



Figura 45 – Casa Típica da zona velha da cidade presente em "Lisboa no Passado e no Presente" de 1971



Figura 46 - Rua de São Miguel de Roque Gameiro presente em "Lisboa no Passado e no Presente"



Figura 46a e 46b – Pormenor da gravura original Rua de São Miguel de Roque Gameiro presente em "Lisboa no Passado e no Presente"

Nesta compilação, Mouraria fora a menos invocada, com presença através de Roque Gameiro no fascículo 8. A reminiscência da Rua do Arco do Marquês do Alegrete manifesta todo o pitoresco na principal artéria da Mouraria.



Figura 47 - Rua da Mouraria, e arco do Marquês do Alegrete de Roque Gameiro presente em "Lisboa no Passado e no Presente"

Num confronto entre os registos levantados no Arquivo Municipal de Lisboa e as fotografias da actualidade da autoria de Inês Sousa (com o mesmo ponto de vista ou próximo dele), foi possível constatar: as estruturas que permaneceram; as estruturas que permaneceram mas que perderam qualquer valor funcional, prevalecendo o valor estético; as estruturas que desapareceram, e ainda, as estruturas que não existiam, mas que por via da recente promoção turística apareceram, mas com mecanismos sofisticados.

Neste panorama, o edifício inserido na Rua do Convento da Encarnação na Mouraria sofreu alterações de fachada ao longo dos anos. No primeiro registo em 1903 de Machado & Sousa, a fachada apresenta-se sem qualquer elemento treliçado. Nos anos seguintes, no período do Estado Novo, Eduardo Portugal imortaliza a fachada com um ar pitoresco e tradicionalista, evidenciando o andar de ressalto e os elementos treliçados. Considera-se uma alteração político-social, em concordância com as ideologias do regime, no sentido de uma re-invenção da tradição de forma a criar um museu ao ar livre através da expressão da arquitetura.

Atualmente, devido à recente promoção turística e crescente valorização imobiliária, a reabilitação das habitações em zonas históricas é constante, contudo o critério de requalificação difere de projetista para projetista e a falta de conhecimento destas

estruturas promovem a sua retirada. Neste contexto, a fachada regressa a um aspeto idêntico a 1903, sem vestígios dos elementos de madeira.



Figura 48 - Largo e rua do Convento da Encarnação de Machado e Sousa 1903

Figura 49 - Largo do Convento da Encarnação de Eduardo Portugal



Figura 50 - Fotografia presente no Google Maps de 2014

Figura 51 - Largo do Convento da Encarnação | Fotografia da Autora, 2018



### Considerações finais

Para compreender estas estruturas de madeira nas fachadas foi necessário analisar elementos históricos, fotografias, exposições e publicações, de forma a construir uma narrativa interpretativa, sobre a existência e permanência dos muxarabis, rótulas e gelosias em Alfama e Mouraria. O estudo destas estruturas de madeira veio clarificar a sua origem na cidade de Lisboa - domínio árabe desde o século VIII até XII<sup>36</sup>. No processo de reconstrução da cidade após o terramoto de 1775, a legitimação da retirada dos muxarabis, rótulas gelosias e andares de ressaltos originou um pensamento crítico das questões de funcionalidade e localização na malha urbana da cidade, nomeadamente as questões de controlo de ventilação e privacidade de um compartimento interior. Neste sentido, a total eliminação não foi possível e as reapropriações dos conceitos historicamente consolidados ou os conhecimentos decorrentes da exposição e vivência quotidianas elevaram estas estruturas ao longo dos anos. Considera-se que estas estruturas renasceram no Estado Novo louvando a tradição histórica e os valores conservados do passado.

Com uma vasta coleção fotográfica no Arquivo Municipal de Lisboa, e uma grande divulgação através de arquitetura efémera, torna-se num vício visual, uma imagem que é formada e montada por uma questão de interesse, com o intuito de construir uma falsa memória coletiva, de forma a promover estes bairros a locais turísticos. Estabelecem um meio de divulgação de uma área velha e genuína da cidade, através de uma mediatização de uma realidade muitas vezes degradada, mas com o seu encanto, através de uma persistência das imagens nas publicações e um re-inventar a tradição. Com a atual promoção turística, a banalidade e recriação de um “museu ao ar livre”, origina um novo olhar para a fisionomia da cidade antiga.

### Bibliografia

ANDRADE, Ferreira de - **Lisboa**, Lisboa: Editorial de Publicações Turísticas, 1960

BRAZÃO, Eduardo- Prefácio In **Mundo Português: Imagens de uma exposição histórica**. Lisboa: Edições SNI, 1957

CARVÃO, Rafael Bezerra - **A eliminação dos muxarabis, rótulas e gelosias do Brasil – Um caso de dominação económica**. Évora: Departamento de História - Universidade de Évora, 2009. Dissertação de Mestrado

CINEMATECA. Digital – vídeo. **Alfama a Velha Lisboa**. [Em linha] Lisboa: Cinemateca [Consult. 27 Jun 2018] Disponível em WWW <<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video>>

FILHO, Mariano - **Influências Muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira**. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1943.

GAMEIRO, Roque – **Lisboa Velha** ed 2º. Lisboa: Vega, 1993.

<sup>36</sup> MARREIROS, Alexandre dos Santos - **Labirintos de Luxbûna: Alfama e a influência da arquitetura islâmica**. Lisboa: Universidade Lusíada, 2012. Dissertação de Mestrado. p. 56

HAMNETT, C. – **The Blind Men and the Elephant: The Explanation of Gentrification**. Transactions of the Institute of British Geographers, Vol 16, Nº2, 1991. p.173–189.

**Lisboa no Passado e no Presente**. Lisboa: Excelsior, 1971 fasciculo 11

LUCAS, Pedro Galvão – **Representação de Arquitetura – Introdução às várias formas de comunicação da arquitectura**. Lisboa: Faculdade de Arquitetura, 2011. Dissertação de Mestrado.

M.L.V. – O bairro de Alfama. **Ilustração**. nº 11 (1933)

MARREIROS, Alexandre dos Santos - **Labirintos de Luxbûna: Alfama e a influência da arquitetura islâmica**. Lisboa: Universidade Lusíada, 2012. Dissertação de Mestrado.

MAGALHÃES, Andreia - **Reabilitação urbana: experiências precursoras no núcleo antigo de Lisboa**. 1ª ed. Lisboa: Parque Expo, 2008

MARTINS, Vitorino C. – Ronda dos Bairros: Alfama. **Flama** nº 641 (1960)

MENDES, L. **Gentrificação turística em Lisboa: neoliberalismo, financeirização e urbanismo austeritário em tempos de pós-crise capitalista 2008-2009**. Cadernos Metrôpole, 2017, Vol.13, nº26, p. 491-503

Pereira, Joana - A Exposição Histórica do Mundo Português e os seus arquitetos. Subsídios para a melhor compreensão da Arquitetura Nacional no dealbar da década de 40 In **Revista Arquitetura Lusíada**. nº 7 (2015)

**Portugal na Exposição Internacional de Paris** [Em linha] [Consult. 04 Julho 2018] Disponível em WWW:< <https://parceriadasconservas.wordpress.com/tag/instituto-portugues-de-conservas-de-peixe/>>.

**Restos de coleção** [Em linha] [Consult. 26 Jun 2018]. Disponível em WWW: <<http://restosdecolecao.blogspot.com/2012/06/festas-da-cidade-de-lisboa-1935.html> >

SÁ, João de Almeida – **Alfama a Velha Lisboa** [Registo vídeo]. Lisboa, 1930. 35 mm, PB, sem som (27 min). Disponível em WWW <<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1930&type=Video>>

TAVARES, Santos – Bairros da cidade In CHAVES, José Joubert. **Ilustração portuguesa**. nº13 (1904) p.198